

VIOLÊNCIA E FRACASSO ESCOLAR: RELAÇÕES E INTERAÇÕES

VIOLENCE AND SCHOOL FAILURE: RELATIONSHIPS AND INTERACTIONS

Cassio Eduardo Soares Miranda
cassioedu@ufpi.edu.br

Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade (Saúde Coletiva), do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Piauí. Coordena o NIPSEC (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade). Possui graduação em Psicologia Clínica e Licenciatura Plena em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC, bacharel em Teologia pela Faculdade Batista de Minas Gerais, mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos pela UFMG, doutorado em Psicologia pela UFRJ com período de aperfeiçoamento na Universidade de Lisboa. Possui estágio pós-doutoral em Análise do Discurso pela UFMG.

Felipe Barbosa
felipe_barbosama@hotmail.com

Mestre em Saúde Coletiva pela UFPI; Fisioterapeuta.

RESUMO

O estudo tem como objetivo discutir as implicações da violência escolar sobre o desempenho acadêmico e, conseqüentemente, no fracasso escolar da pessoa vitimada. Trata-se de uma revisão bibliográfica à luz das produções de Abramovay e Rua (2002), Abramovay *et al.* (2005), Patto (1999), dentre outros estudiosos do tema. Os autores estabelecem a violência como algo complexo, multifacetado, que reflete pensamentos, sentimento, bem como atitudes dos envolvidos, afetando diretamente o desempenho educacional, pois promovem alterações comportamentais e cognitivas, causando além de danos físicos, também psicológicos e sociais. As conseqüências do fracasso escolar exercerão influências sobre várias dimensões da vida dos envolvidos.

Palavras-chave: adolescente; estudantes; violência; fracasso escolar; desempenho acadêmico.

ABSTRACT

The study aims to discuss the implications of school violence on academic performance and, consequently, on the school failure of the victim. This is a bibliographical review in the light of the productions of Abramovay e Rua (2002), Abramovay et al. (2005), Patto (1999), among other researches. The authors establish violence as complex, multifaceted, reflecting thoughts, feelings, and attitudes of those involved, directly affecting educational performance, because they promote behavioral and cognitive alterations, causing besides physical damages, also psychological and social. The consequences of school failure will influence the various dimensions of the lives of those involved.

Keywords: teenager; students; violence; school failure; academic achievement.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva discutir as implicações da violência escolar sobre o desempenho acadêmico dos estudantes e sua contribuição para o fracasso escolar. A violência é um grave problema social, que tem despertado interesse da comunidade científica pela complexidade e diversas facetas com as quais se apresenta. A grande exposição de situações de violência nos meios de comunicação social (TV, *internet*, redes sociais etc.) diariamente relatada nos faz pensar na violência como um problema que não mais tenha possibilidade de solução, assumindo o fenômeno como parte integrante do cotidiano.

Casique e Furegato (2006) destacam que a violência é um processo construído historicamente e influenciado pelo tempo, cultura e pelas circunstâncias. Para Pino (2007, p. 764), a violência não é um fenômeno novo, “[...] novas são as formas inusitadas e destemidas com que a violência se apresenta atualmente entre nós, com consequências imprevisíveis”. Sobre a definição de violência, Assis e Marriel (2010, p. 41) afirmam:

Não é nada fácil conceituar violência! Fenômeno complexo e multicausal, ela atinge todas as pessoas, grupos, instituições e povos, e por todos é produzida. Expressa-se sob formas distintas, cada qual com suas características e especificidades. Cada termo utilizado para definir a violência conduz a um mundo conceitual cujos contornos são determinados por uma tradição sociocultural e pela experiência de vida de cada indivíduo.

Pelo exposto, observa-se que, apesar de todo esforço acadêmico em estudar esse fenômeno, há uma grande dificuldade em definir o que é violência, pelo fato de ser uma construção social que sofre a influência de vários fatores (sociais, econômicos, culturais, políticos) e pelo caráter multifacetado com que se apresenta.

Dentre as várias formas de manifestação do fenômeno da violência, merece destaque a violência que permeia o ambiente escolar. Segundo Abramovay e Rua (2002), violência escolar se opõe à ideiação da sociedade de escola como local de paz, de socialização positiva, partilha e aprendizado de valores éticos, diálogo e proteção, e à ideia de infância como fase da vida de pureza e inocência. As autoras citadas destacam que situações de violência implicam de forma direta e indireta na aprendizagem e na qualidade do ensino, levando a dificuldades de concentração durante as aulas, altas taxas de reprovação, atraso acadêmico e evasão escolar.

Assim como a violência, o fracasso escolar não é uma construção da contemporaneidade, apesar do processo de modernização. O Brasil ocupa posição de destaque nos *rankings* internacionais de países com maiores índices de reprovação escolar. Dados do Censo Escolar da Educação Básica 2016 mostram que a soma das taxas de não aprovação e evasão nas escolas públicas é preocupante no terceiro ano do ensino fundamental (13,3%), no sexto ano (19,2%) e atingindo uma taxa expressiva de 27,5%, no primeiro ano do ensino médio. Os dados chamam a atenção ao fato de que ao comparar com as escolas privadas, somente no primeiro ano do ensino fundamental são observadas proporções equivalentes; em todas as séries subsequentes, no entanto, o risco de insucesso dos alunos da rede pública é expressivamente superior (BRASIL, 2017).

De acordo com Hidalgo (2014), apesar dos diversos estudos já desenvolvidos na perspectiva de explicar as razões do não aprender, estas não foram totalmente esclarecidas, visto que persistem as dificuldades de aprendizagem, que são expressas de diversos modos no ambiente escolar. De maneira geral, os autores utilizam o termo fracasso escolar para se referirem à reprovação e à evasão escolar, no entanto, para Forgiarini e Silva (2007), o mau êxito na escola deve incluir, também, a aprovação de estudantes para turmas superiores quando estes apresentam baixos índices de aprendizagem. Segundo Raposo (2008), o fracasso escolar resulta em repercussões não

somente na vida profissional, mas em todos os aspectos e dimensões da vida, podendo definir a função social que os estudantes ocuparão.

Nesse ínterim, realiza-se uma revisão da bibliografia sobre o tema proposto utilizando-se das produções de Abramovay e Rua (2002); Abramovay *et al.* (2005); Patto (1999), dentre outros autores, na perspectiva de responder ao seguinte questionamento: “*quais as relações e interações entre violência e fracasso escolar?*”. Faz-se uma contextualização acerca do fenômeno da violência, apresentando definições e tipologias, com ênfase nas discussões sobre violência escolar; na sequência tem-se as reflexões teóricas sobre o fracasso escolar para, em momento posterior, discutir as relações e implicações das situações de violência, especialmente a violência escolar, no desempenho dos estudantes e, conseqüentemente, no fracasso escolar.

DEFINIÇÃO E TIPOLOGIAS DE VIOLÊNCIA

O fenômeno da violência apresenta-se como algo complexo. Tendo em vista seu caráter multifacetado, encontrar uma definição que contemple o termo violência torna-se um desafio até mesmo para os grandes estudiosos do assunto. Dito isso, a literatura nacional e internacional não apresenta uma definição consensual para o termo, embora a definição proposta pela Organização Mundial da Saúde seja amplamente difundida.

Ao definir a violência, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) associa o caráter intencional com a prática do ato e a define como sendo o uso real da força física, do poder ou ameaça contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Para Dahlberg e Krug (2007), a inclusão pela OMS da palavra “poder” de forma complementar ao uso da força física acaba por ampliar a natureza de um ato violento e expande seu conceito usual, incluindo a ameaça e a intimidação como resultante dessa relação de poder.

Para Ribas e Carvalho (2016), analisar o fenômeno da violência é algo complexo não somente por ser um fenômeno de várias facetas, mas, principalmente, por fazer refletir sobre nós mesmos, nossos pensamentos, sentimentos e atitudes. Por ter percepções distintas, a partir de diferentes perspectivas, possibilita uma infinidade de interpretações e compreensões. No entanto, é importante lembrar que sua compreensão requer considerar as transformações da sociedade, o momento histórico e o contexto de inserção dos indivíduos.

Macedo e Bomfim (2009), ao abordar a violência, entendem-na como todo tipo de dano físico ou simbólico que se impõe a indivíduos ou grupos e que esteja associado a fatores como pobreza, desigualdade social, falha de comunicação, dentre outros, além da perda da legitimidade e as formas de relação onde o poder é exercido pelas armas, a força física, o medo, a intimidação e o desrespeito.

Abramovay *et al.* (2005), por sua vez, consideram a violência como algo dinâmico e mutável, afirmando ainda que suas representações, dimensões e significados são decorrentes das adaptações que as sociedades passam à medida que se evoluem e se transformam. Tais representações dependem do momento histórico, da localidade, do contexto cultural, assim como de uma série de outros fatores próprios do dinamismo social em que vivemos.

Diversas são as formas de apresentação da violência. Com base na resolução WHA 49.25 da *World Health Assembly* de 1996, a Organização Mundial da Saúde desenvolveu uma tipologia que caracteriza seus diferentes tipos de acordo com as características daqueles que cometem o ato violento, a saber: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva. Embora não seja fácil identificar as fronteiras entre os diferentes tipos de violência, ao abordar a natureza, a relevância do meio social e comunitário, a relação entre os sujeitos envolvidos e as possíveis

motivações existentes, essa divisão tipológica nos ajuda a compreender esse fenômeno complexo da violência (COELHO; SILVA; LINDNIER, 2014).

A violência autodirigida contempla o comportamento suicida, envolvendo desde a ideação suicida, tentativa de suicídio até o ato propriamente dito, além de automutilações. A violência interpessoal é subdividida em violência comunitária e violência familiar, sendo que, nessa última, podemos incluir a violência infligida pelo parceiro íntimo e o abuso contra crianças e idosos. Na violência comunitária incluem-se a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais (escolas, locais de trabalho, prisões e asilos). Por violência coletiva entendem-se atos violentos que se desenvolvem no âmbito macrossocial, político e econômico caracterizado pela dominação de grupos e do próprio estado (OMS, 2002).

VIOLÊNCIA ESCOLAR

De acordo com Abramovay e Rua (2002), a percepção da violência no meio escolar muda conforme a maneira com a qual o fenômeno é abordado. Anteriormente, essa análise recaía sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos, através de punições, privações e castigo corporal. Contemporaneamente, especialistas dessa área como sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos.

Definir de forma precisa a violência escolar não é tarefa fácil. Essa dificuldade, além de outros fatores, advém do observado e descrito na seção anterior de que não existe um consenso sobre o significado da violência. Dito isso, o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do *status* de quem fala, de professores, diretores, alunos, da idade do depoente e, provavelmente, do sexo. Desta forma, contempla não apenas a violência física, mas acentua a ética, a política e a preocupação em dar ênfase a violência simbólica (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Priotto e Boneti (2009) definem a violência escolar como todos os atos ou ações de violência; comportamentos considerados agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Charlot (2002) propõe um sistema de classificação dos episódios de violência escolar em violência na escola e violência da escola. A primeira é traduzida dentro do espaço escolar, sem necessariamente estar ligada à natureza e as atividades da instituição. Macedo e Bomfim (2009) definem a escola como sendo apenas o local de manifestação da violência que ocorre no entorno da escola e tem relações com a vida comunitária dos indivíduos.

A violência da escola, por sua vez, está ligada diretamente à natureza e às atividades da instituição escolar e se refere às práticas efetivadas pelos próprios atores escolares como agressões morais, simbólicas, psicológicas e físicas; discriminação racial e de gênero; institucionalização de avaliações predominantemente ou apenas quantitativas e com estímulo à mera competição entre os estudantes, não considerando os aspectos qualitativos implicados no processo ensino aprendizagem; depredações do prédio, recursos e equipamentos escolares (MACEDO; BOMFIM, 2009).

Essa definição é tida como insuficiente por Abramovay *et al.* (2005). Essa autora considera que tal proposta ajuda a compreender o fenômeno à medida que considera manifestações de

várias ordens, onde se devem aceitar uma visão extensa da violência escolar, que incorpore a violência física; a violência simbólica ou institucional e as micro-violências, caracterizadas por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito.

A escola é percebida como um espaço onde se reflete as violências presentes na sociedade e no seu entorno e, ao mesmo tempo, como instituição que favorece o aparecimento de violências.

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

A dimensão do fracasso escolar no Brasil pode ser percebida pelas grandes taxas de analfabetismo do país, assim como pela presença nas listas de países com maiores taxas de reprovação escolar. Patto (1999) nos mostra que desde a implantação de uma política educacional no Brasil, os índices de evasão e reprovação se mantêm significativos, atingindo principalmente os estudantes provenientes das camadas sociais com menor poder econômico e frequentadores das escolas do sistema pública de ensino, quer seja de dependência administrativa municipal, estadual ou federal.

De acordo com Raposo (2008), entender o fracasso escolar requer considerar três momentos históricos. Primeiramente, o século XVII em que a maioria da população não era alfabetizada e, portanto, não fazia sentido falar em fracasso escolar. No século XX, na década de 1970, a população europeia passa a atingir certo grau de escolaridade, embora não necessariamente concluam o ensino médio, assim, falar em fracasso escolar ganha sentido, apesar de não haver graves consequências para vítima.

Enfim, o terceiro momento histórico, contemplando a atualidade, concluir o ensino médio ou técnico, e por que não dizer o ensino superior, é o padrão de normalidade e aqueles que não o fazem são considerados fracassados e estão sujeitos a diversas consequências que afetarão significativamente as várias dimensões de sua vida (RAPOSO, 2008).

Fatores pedagógicos, sociais, médicos e psicológicos foram assumidos para tentar explicar as causas do fracasso escolar (PATTO, 1999). A partir da década de 1970, essas teorias começaram a ser questionadas e novas explicações envolvendo questões culturais dos estudantes passaram a ser utilizadas para tentar explicar o fracasso escolar, surgindo a teoria da carência cultural. Segundo Sirino (2002), a teoria da carência cultural afirma que o estudante fracassa porque não provém das características culturais estabelecidas pela cultura dominante.

O que se percebe com essas teorias é que centram o problema no indivíduo e não no sistema e nas políticas educacionais. O discurso corrente é de que a escola sempre cumpriu com maestria sua missão de ensinar, aqueles que são aptos aprendem e aqueles que fracassam são classificados como incapacitados à aprendizagem (HIDALGO, 2014). Sirino (2002) apresenta três situações em que a responsabilidade pelas situações de fracasso escolar é desviada do sistema político-pedagógico e da sociedade.

Na primeira situação, atribui-se a culpa aos estudantes, sendo assim, aquele que fracassa, o faz por ser “anormal”, delinquente, irresponsável e/ou portador de alguma condição psicopatológica. Uma segunda situação atribui a culpa aos professores, embora na realidade educacional brasileira, estes atuem em escolas com estrutura precária, sejam mal remunerados e, em muitas ocasiões, mal capacitados. A família aparece como uma terceira via de responsabilização pelo fracasso escolar, em que o insucesso é atribuído a famílias “desestruturadas”, conflituosas e portadoras de condições socioeconômicas precárias (SIRINO, 2002).

Em Patto (1999), tem-se que as tentativas de explicar o insucesso escolar com foco no estudante e no seu contexto social e cultural é ineficaz, uma vez que:

A inadequação da escola decorre muito mais de sua má qualidade, da suposição de que os alunos pobres não têm habilidades que na realidade muitas vezes possuem, da expectativa de que a clientela não aprenda ou que o faça em condições em vários sentidos adversos à aprendizagem, tudo isso a partir de uma desvalorização social dos usuários mais empobrecidos da escola pública elementar (PATTO, 1999, p. 467).

Estudantes tidos como fracassados academicamente, em sua maioria, possuem grande capacidade de aprendizado, semelhante a indivíduos que sejam considerados portadores de sucesso, porém fatores de ordem educativa, relacionados com a instituição escolar precisam ser explorados e trabalhados (SIRINO, 2002).

O estudo de Degenszajn, Roz e Kotsubo (2001) é interessante por, dentre outros fatores, questionar se o fracasso escolar pode ser considerado como uma condição patológica. A literatura coloca que ao longo da história houve uma associação entre insucesso dos estudantes e condições psicológicas, mentais e biológicas. Frequentemente as escolas encaminham para os serviços especializados, especialmente a psicologia, os estudantes que acreditam ter déficits cognitivos. A respeito disso, Arreguy, Morena-Torres e Camporez (2012, p. 54-55) afirmam:

Assim, a patologização das crianças é usada como explicação para o fracasso escolar, que na verdade depende de inúmeros outros fatores, como: salário de professores, condições de trabalho, infraestrutura da escola, quantitativo profissional, presença de profissionais das ciências humanas (psicólogos, assistentes sociais, psicopedagogos, psicomotricistas, etc) e de saúde (enfermeiras, nutricionistas, fonoaudiólogas, etc), condições de vida das famílias, presença dos pais, etc, etc, etc. Entretanto, síndromes e doenças são deliberadamente atribuídas a crianças e adolescentes, bem como lhes são ministrados remédios psiquiátricos sumariamente, como a primeira e principal técnica a se recorrer. Prática esta que perdura ao menos desde o início do século XX e vem se intensificando nas primeiras décadas do terceiro milênio.

Percebe-se que ocorre uma medicalização do sistema educacional, em que os estudantes que se opõem ao *status quo* da escola são vistos como alunos-problema e, logo, são encaminhados aos serviços especializados para serem “tratados”, não havendo esforço institucional para explorar as potencialidades e habilidades desse aluno.

De acordo com Abramovay e Castro (2003), a escola pode tornar-se local de desenvolvimento de histórias de fracasso a partir do momento em que o desenvolvimento dos estudantes é prejudicado por professores, estruturas físicas, curriculares e sistemas educacionais ineficientes. Assim, segundo Alencar (2007), as escolas, os modelos de ensino e os docentes com suas práticas pedagógicas não podem ser isentos de responsabilidades na produção do fracasso dos estudantes.

Dentre os vários fatores externos que repercutem no desempenho dos estudantes, tem-se a violência como fenômeno cada vez mais presente no cotidiano dos estudantes, seja no ambiente comunitário ou no meio escolar. As reflexões que seguem destinam-se a discutir as formas como a violência pode implicar em histórias de insucesso acadêmico.

IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA NO FRACASSO ESCOLAR

Situações de violência são consideradas graves problemas sociais e de saúde pública, visto que causam danos físicos, psicológicos e sociais (LUSTOSA *et al.*, 2014; SOUZA; BARBOSA, 2015), e afetam o desempenho educacional, dentre outros fatores, por promover alterações comportamentais e cognitivas (HAILE; KEBETA; KASSIE, 2013; MEKURIA; NIGUSSIE; ABERA, 2015).

Em estudo realizado sobre violência simbólica e fracasso escolar tem-se que o indivíduo vítima da violência, especialmente na infância, tem o funcionamento da mente inibido ou paralisado de acordo com o tipo, a frequência e a intensidade da agressão sofrida (ARREGUY; MORENA-TORRES; CAMPOREZ, 2012).

Teixeira e Kassouf (2015) realizaram estudo com o objetivo de verificar a influência da violência sobre o desempenho acadêmico de estudantes de São Paulo e observaram, dentre outros resultados, que o desempenho satisfatório dos estudantes em matemática é reduzido à medida que os índices de violência se elevam na região, ou ao passo que algum evento violento acontece no ambiente escolar ou nas proximidades.

Outro fator observado foi a influência da grande rotatividade de professores nas escolas, o que pode levar a períodos de ausência desses profissionais. Esta rotatividade se dá, sobretudo, pelo fato de solicitações de remoção dos professores após vivenciarem episódios de violência na escola ou no trajeto até o ambiente de trabalho.

Estudo realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em catorze capitais brasileiras evidenciou que aproximadamente 50% dos professores perdem a motivação com a docência em decorrência da violência sofrida ou testemunhada no ambiente escolar, cerca de 25% apresentam dificuldade em se concentrar durante o exercício profissional e mostram falta de vontade de estar em sala de aula, e 20% acabam recorrendo à solicitação de transferência para outras unidades escolares (SEVERNINI; FIRPO, 2009).

Para ilustrar os efeitos das constantes mudanças de professores em escolas que sofrem influência da violência, que levam a períodos de ausência de profissionais em determinadas disciplinas, o estudo de Teixeira e Kassouf (2015) mostrou que a escola que possui acima de 90% de professores efetivos em seu quadro aumenta em mais de 7% as chances de o estudante ter um desempenho satisfatório em matemática, por exemplo. Dentre os fatores que exerceram influência nos desempenhos dos estudantes, esses autores, observaram influência de características sociodemográficas, renda familiar e escolaridade dos pais, além de características das escolas e qualidade dos professores, conforme fatores relacionados com a produção do fracasso escolar discutidos anteriormente.

Alunos que vivenciam situações de violência na escola e/ou comunidade apresentam dificuldade de concentração nas aulas e potencialmente podem abandonar a escola. Tem-se ainda que 50% dos estudantes apresentam dificuldade de concentração, e 33% reage com vontade de abandonar a escola, segundo estudo da UNESCO. Estudos mostram que a vivência de experiências de violência e/ou a imersão em comunidades permeadas por esta, reduz a probabilidade de conclusão do ensino médio em 5,1% e reduz a probabilidade de um estudante em frequentar o ensino superior em aproximadamente 7% (SEVERNINI; FIRPO, 2009).

Experiências de violência simbólica e psicológica também merecem atenção no estudo sobre o fracasso escolar. Sousa (2002, p. 4), ao relatar sua experiência de doutorado em acompanhar estudantes multirrepentes de uma escola pública de periferia, verificou que estes frequentemente sofriam *bullying* e apresentavam autoestima fragilizada por comentários que lhes são dirigidos, geralmente: “[...] feio, magricelo, desengonçado, fininho, preto, sujo, perebento, gordona, piolhento, catinguento, aleijado, olho torto, dente podre, barrigudo [...]”.

O termo “*bullying*” tem origem na palavra inglesa “*bully*” e significa uso da força ou da influência para subjugar o mais fraco (SILVA; CAMINHA, 2014). Caracteriza-se por um conjunto de atitudes agressivas que ocorrem sem motivação evidente e de forma repetitiva, gerando impacto psicológico negativo e consequências como depressão, baixa autoestima e estresse

(NOGUEIRA, 2007; LOPES NETO, 2005), o que potencialmente irá repercutir no desempenho acadêmico, conduzindo ao fracasso escolar.

Observa-se uma grande discussão em torno do *bullying* como principal manifestação da violência escolar. No entanto, Arreguy; Morena-Torres e Camporez (2012) enfatizam que o estudo das relações entre violência e fracasso escolar não pode ser reduzido às discussões em torno do fenômeno do *bullying*, visto que “[...] o âmago da violência encontra-se na própria constituição do laço cultural” (FREUD, 1913 *apud* ARREGUY; MORENA-TORRES; CAMPOREZ, 2012, p. 67), ou seja, a forma como as sociedades se organizam, as questões políticas e culturais afetam e incidem sobre as formas de manifestação da violência. Sugerindo que o enfrentamento da violência no ambiente escolar requer uma atuação complexa e transdisciplinar possibilitando ouvir e explorar as potencialidades dos estudantes, antes de taxá-los como portadores de psicopatologias, assim condenando-os ao fracasso.

Pereira e Williams (2008) reiteram que as dificuldades de aprendizado que conduzem ao fracasso escolar não podem ser reduzidas a distúrbios de aprendizagem, uma vez que não são resultantes apenas de características individuais dos alunos, mas resultam da interação de diversos fatores, a exemplo de fatores culturais, econômicos, políticos e sociais, o que inclui a influência de situações de violência na escola, no ambiente doméstico e na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um fenômeno construído historicamente e sofrer a influência dos mais diversos fatores, torna-se inquestionável reconhecer a complexidade do fenômeno da violência e as repercussões que produzirão na vida dos indivíduos envolvidos. Apesar da dificuldade de conceituação deste fenômeno, toma-se como referência o conceito da Organização Mundial da Saúde, que estabelece como possíveis consequências da violência, dentre outros sintomas, a privação, dano psicológico ou desenvolvimento prejudicado.

Diante disso, tem-se o fracasso escolar como possível implicação da violência. Observa-se haver um esforço institucional por parte dos sistemas educacionais em atribuir as causas do insucesso acadêmico exclusivamente a fatores intrínsecos aos estudantes, especialmente das camadas sociais menos favorecidas economicamente, a exemplo de fatores psicológicos, pobreza e relações familiares fragilizadas.

Experiências de violência, dentro e fora do ambiente escolar, repercutem sobre o desempenho acadêmico por fatores intrínsecos e extrínsecos aos estudantes. Entre os fatores individuais intrínsecos aos estudantes destacam-se os danos psicológicos, cognitivos e mentais decorrentes da violência, além de medo, insegurança, privação, alterações comportamentais, como introspecção e isolamento social. Por fatores extrínsecos tem-se a ausência de professores nas escolas consideradas violentas ou em regiões violentas, a desmotivação profissional destes, estrutura física inadequadas, práticas pedagógicas ineficazes, dentre outros fatores.

A produção do fracasso escolar, assim como a violência, resulta da interação destes diversos fatores, o que inevitavelmente inclui condição socioeconômica e relações familiares como potenciais influenciadores de insucesso, porém não podem ser admitidos como fatores condicionantes e muito menos determinantes, visto que a vivência de situações de violência, os modelos educacionais inadequados à clientela, deficiências estruturais das escolas e precarização das condições de trabalho dos professores exercem grande e inevitável influência sobre o sucesso ou fracasso dos estudantes.

Vivências de violência, ainda que de baixa intensidade, causam danos psicológicos e mentais importantes na vida dos estudantes e repercutirão no desempenho escolar e afetarão a motivação

e as expectativas dos estudantes em relação à escola, e desta forma irão ter consequências nos seus objetivos referentes à educação e aprendizagem, conduzindo a processos de evasão, repetência ou ainda passagem para séries subsequentes com conhecimento deficitário (ABRAMOVAY, 2014).

Não se pode afirmar com precisão, a partir desse estudo, a magnitude da influência das situações de violência no desempenho acadêmico de estudantes. Tornam-se necessários estudos futuros, de caráter quantitativos e qualitativos, inclusive com triangulação metodológica, que possibilitem compreender em profundidade o processo de construção do fracasso escolar de estudantes que vivenciam situações de violência, ouvindo os vários atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Porém não se pode negar que a violência implicará em desmotivação de estudantes e professores, insegurança e absentismo escolar que inevitavelmente refletirá no desempenho dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino Médio**: múltiplas vozes. Brasília, DF: UNESCO; MEC, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian *et al.* **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília, DF: UNESCO, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. Juventude e violências nas escolas. *In*: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Adriana Loiola do (org.). **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: Edufpi, 2014.

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ALENCAR, Eliana de Sousa. **As relações interpessoais entre professores e alunos mediando histórias de fracasso escolar**: um estudo do cotidiano de uma sala de aula. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

ARREGUY, Marília Etienne; MORENA-TORRES, Marina; CAMPOREZ, Giulia Aguiar. Violência simbólica e fracasso escolar: reflexões psicanalíticas na educação. **Revista Aleph**, [s.l.], ano 6, n. 17, p. 53-70, 2012.

ASSIS, Simone Gonçalves de; MARRIEL, Nelson de Souza Motta. Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. *In*: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTATINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (org.). **Impactos da Violência na Escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: MEC; FIOCRUZ, 2010.

BRASIL. **Censo Escolar da Educação Básica 2016**: notas estatísticas. Brasília, DF: INEP; MEC, 2017.

CASIQUE, Leticia Casique; FUREGATO, Antônia Regina Ferreira. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 14, n. 6, nov./dez. 2006.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-442, jul./dez. 2002.

COELHO, Elza Berges Salema; SILVA, Anne Caroline Luz Grüdtner da; LINDNER, Sheila Rubia. **Violência**: definições e tipologias. Florianópolis: UFSC, 2014.

DAHLBERG, Linda Lee; KRUG, Etienne. Violência; um problema global de saúde pública. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2007.

DEGENSZAJN, Raquel Diaz; ROZ, Deborah Patah; KOTSUBO, Lucimeire. Fracasso escolar: uma patologia dos nossos tempos. **Revista Pediatria**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 106-13, 2001.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. Escola pública: fracasso escolar numa perspectiva histórica. *In*: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO; SEMANA DE EDUCAÇÃO, 19., 2007, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007.

HAILE, Rahel Tesfaye; KEBETA, Nigussie Deyessa; KASSIE, Getnet Mitike. Prevalence of sexual abuse of male high school students in Addis Ababa, Ethiopia. **BMC international health and human rights**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 24, 2013.

HIDALGO, Kênia Ribeiro da Silva. Fracasso escolar: uma violência simbólica na perspectiva sociológica de Bourdieu. **Revista Publicatio UEPG - Ciências Sociais Aplicadas**, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 193-204, jul./dez. 2014.

LOPES NETO, Aramis Antônio. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p.164-172, 2005.

LUSTOSA, Amanda Peres *et al.* Abuso Sexual contra crianças: evidências para o cuidado de enfermagem. **Cadernos ESP**, Ceará, v. 8, n. 2, p. 50-63, jul./dez. 2014.

MACEDO, Rosa Maria de Almeida; BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Violência nas escolas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p.605 - 618, 2009.

MEKURIA, Aleme; NIGUSSIE, Aderajew; ABERA, Muluemebet. Childhood sexual abuse experiences and its associated factors among adolescent female high school students in Arbaminch town, GammuGoffa zone, Southern Ethiopia: a mixed method study. **BMC international health and human rights**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 21, 2015.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araújo. **Violência nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying escolar**. 2007. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Programa de Pós-graduação Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **World report on violence and health**. Geneva: WHO; 2002.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PEREIRA, Paulo Celso; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar. **Revista Semestral da ABRAPEE**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 139-152, jan./jun. 2008.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Revista Educação & sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 763-785, out. 2007.

PRIOTTO, Elias Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p.161-179, 2009.

RAPOSO, Fernanda Carvalho Ramalho. **Fracasso escolar: a voz de quem sofre as suas consequências**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RIBAS, Milena Almeida; CARVALHO, Themis Goretti Moreira Leal de. A extensão universitária na saúde do escolar: um olhar voltado para a violência na escola. **Revista Cataventos**, Cruz Alta, v. 1, n. 8. p. 115-131, 2016.

SEVERNINI, Edson; FIRPO, Sergio Pinheiro. **The relationship between school violence and student proficiency**. São Paulo: Escola de Economia de São Paulo; FGV, 2009.

SILVA, Saskia Lavyne Barbosa da; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Desempenho motor, imagem corporal e bullying escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Universidade Federal de Sergipe, v. 7, n. 13, p. 45-54, maio/ago. 2014.

SIRINO, Marisa de Fátima. **Repensando o fracasso escolar**: reflexões a partir do discurso da criança-aluno. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

SOUSA, Ana Maria Borges de. Violência e fracasso escolar: a negação do outro como legítimo outro. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 3/4, p. 179-188, 2002.

SOUZA, Therianne Menezes; BARBOSA, Rochele Bezerra. Abuso sexual intrafamiliar em meninos. **Revista Psicologia em Foco**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2015.

TEIXEIRA, Evandro Camargos; KASSOUF, Ana Lúcia. Impacto da violência nas escolas paulistas sobre o desempenho acadêmico dos alunos. **Revista Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 221-240, jun. 2015.